

# EDITORIAL

“**A** Campanha da Fraternidade de 1999 coincide com o terceiro e último ano da fase preparatória para a celebração do terceiro milênio do nascimento de Cristo. Dedicado a Deus Pai e à virtude teologal da caridade, na sua dupla face de amor a Deus e aos irmãos, e ao sacramento da Penitência, deve ensinar, em todos nós, autêntica conversão, caracterizada seja pela libertação do pecado, seja pela escolha do bem, 'expresso pelos valores éticos contidos na lei natural, confirmada e aprofundada pelo Evangelho' (Tertio Millennio Adveniente, n. 50).

No contexto da evangélica opção preferencial pelos pobres e marginalizados e da promoção dos Direitos Econômicos, conforme proposta do Projeto Rumo ao Novo Milênio no Brasil, a CF-99 focaliza a situação dos desempregados e encarece o seu exame sob a triplíce perspectiva do ver, do julgar, e do agir” (Texto-Base da CF-99, Apresentação).

É o que nos propomos, com este fascículo da nossa revista, que há mais anos vem dedicando uma das suas duas edições anuais ao tema da Campanha da Fraternidade em curso. Como o tema é marcadamente sócio-econômico, predominam, desta vez, na linha do VER, os artigos de economistas e sociólogos.

Assim, o primeiro artigo enfrenta o debate da pergunta crucial: *O desemprego é inevitável?* O autor defende a tese de que “a principal causa do aumento do desemprego no Brasil dos dias de hoje é sem dúvida a política econômica vigente” e que a sua solução não é meramente técnica, mas uma questão de vontade política. Já o artigo seguinte aborda brevemente, mas com dados referentes ao nosso Estado, *“O clamor do desemprego, no mundo e em Santa Catarina”*.

Nova pergunta, muito freqüente em nossos debates, é abordada a seguir: *“Qual a relação entre ‘revolução tecnológica e desemprego?’* A autora, depois de analisar o conceito de “revolução tecnológica”, descarta o que ela chama de “determinismo tecnológico”, mas alerta: “Os índices estatísticos vão deixando claro que, dentro da atual política econômica, não há colocação para todos”.

O artigo seguinte, breve, propõe algumas *“Notas para uma história política do emprego e desemprego no Brasil”*, focalizando especialmente os vários períodos desde a revolução de 30.

Mais uma pergunta, muito prática e relevante para os jovens de nossas universidades: *“Curso universitário é garantia de emprego neste mundo globalizado?”* O autor reflete sobre “a empregabilidade e a universidade”, “as políticas neoliberais e o novo autoritarismo” etc, e apresenta algumas perspectivas, por sinal nada alentadoras.

Um artigo feito a quatro mãos estuda a *“Educação Profissional no campo”*, ou seja, *“a construção do sentido de empregabilidade da pequena produção rural”*, tema de interesse de várias regiões do Estado, por exemplo o vale do rio do Peixe e o Oeste em geral. Partindo do fato de que “a produção agrícola passou a constituir um elo em uma cadeia, negando por completo as antigas condições do complexo rural fechado em si mesmo”, o artigo debate “a educação profissionalizante da pequena produção rural” e adverte: “Por um lado, a qualificação abre oportunidades verdadeiras de inclusão no moderno ciclo da produção, mas por outro, reforça a exclusão e o desemprego”.

Outro artigo a quatro mãos focaliza os *“desafios do desemprego”* nesta virada *“em direção ao novo milênio”*. Depois de descrever “cinco grandes desafios que contextualizam a questão”, e isto no âmbito mundial, os autores comentam “o emprego e a nova organização empresarial” e se detêm sobre “o flagelo do desemprego”, dando, enfim, pistas para a sua “superação”. O artigo conclui apontando, com cautela, para as novas “oportunidades de emprego”.

O artigo seguinte enfrenta o tema da *“Dívida Externa na América Latina”*, estudando suas *“implicações éticas na aurora do terceiro milênio”*. Depois de apontar “a origem e as causas da Dívida” e analisar seus “efeitos sobre os países devedores”, o autor elenca algumas “respostas dadas diante da crise”. A parte mais extensa do artigo propõe “algumas considerações éticas”, começando pela questão da “responsabilidade pela Dívida Externa”, e concluindo com “algumas pistas de solução dentro dos parâmetros da justiça social”.

Não podia faltar, entre os vários estudos deste fascículo, *“uma crítica à razão neoliberal”*. Partindo do conceito generalizado da “crise” e descrevendo seus elementos, o autor desenvolve a pergunta: *“O que é possível fazer?”* E propõe o que ele chama de “princípio da fraterni-

dade", que é o único capaz de nos libertar da "lógica da exclusão vigente".

Passando para um enfoque mais teológico e pastoral da questão, o artigo seguinte procura caminhar "do desemprego aos desempregados", insistindo na dimensão humana e na questão da subjetividade: os desempregados são "Carlos, João, Maria, Andréia"... isto é, têm rosto e têm nome, são nossos parentes, paroquianos, da nossa comunidade. Propõe, por isso, uma "espiritualidade dos desempregados", sem deixar de apresentar também uma sugestão prática no âmbito eclesial.

A seguir, a parábola "dos trabalhadores na vinha", ou "do patrão bondoso", em Mateus 20,1-16, é focalizada segundo a perspectiva própria do seu redator, o evangelista Mateus. Este no-la apresenta como parábola da Justiça do Reino "dos céus", ou seja, da "Justiça do Pai". Por isso, as questões de "trabalho, salário e justiça" aí se entrecruzam dentro da lógica da inclusão, contrastando com a aparente irreversibilidade da tendência neoliberal. O autor parte do texto de Mateus, ressaltando seus termos-chave, e analisa seu con-texto e pre-texto, para chegar à conclusão.

O artigo seguinte confronta teologicamente a verdade de fé da paternidade divina - Deus é Pai - com a dura experiência da exclusão de tantos de seus filhos. Daí o título: "Deus Pai e os excluídos". O autor parte do Pai no mistério trinitário, e nos alerta sobre a "graça e responsabilidade" que é, para nós, esse conhecimento de Deus Pai. Repassa a história da salvação, que nos aponta a "relação profunda entre Deus Pai e os excluídos", demonstrando que o caminho escolhido por Ele para se revelar - a predileção e a opção pelos pobres - é "constitutivo do conteúdo do seu próprio ser". Demonstração concreta dessa verdade é a opção de misericórdia de Jesus, o Filho - imagem perfeita do Pai - pelos excluídos. E conclui apontando para a imitação da práxis de Jesus: "fazer as obras do Pai" e "refazer", vivendo-o em nossa própria maneira de ser e agir, o "processo quenótico do Pai e do Filho".

Segue um artigo que toca ainda, de certa maneira, o tema da CF, estudando "a formação da sociedade disciplinar catarinense", um povo com fama de "ordeiro e trabalhador". O autor propõe dois modos interpretativos da história de Santa Catarina, demorando-se sobre o que ele chama "a descontinuidade histórica", sem deixar de apontar, na parte conclusiva do seu estudo, o processo contrário: é a "continuidade histórica", expressa na "resistência cultural" do nosso povo.

Na parte conclusiva da revista, antes das "Notícias do ITESC" e do "Correio do Leitor", apresentamos o depoimento do bispo-eleito de Chapecó, nosso ex-Diretor, Pe. Manoel João Francisco, que nos escreve sobre "O Bispo e seu ministério". A seguir, depois do necrológico de uma ex-aluna, falecida recentemente como missionária entre os índios do Mato Grosso, apresentamos, como documentação, o "Projeto Pastoral do ITESC", elaborado em 1993 e executado a partir de 1994, atualmente em fase de avaliação.

Incluimos também, para a utilidade dos que colecionam e/ou queiram consultar a revista, o *Índice Geral* dos últimos três anos de publicação, 1996-1998, abrangendo os números 20-21, 22-23, 24-25. E expressamos os votos de que os estudos apresentados neste número, vários deles da lavra de professores da nossa vizinha UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, sejam uma contribuição válida para aquela conscientização que é sempre *um* dos objetivos da Campanha da Fraternidade: conscientização que, para não ser estéril, nos impulse à ação, mais que nunca, "a serviço da Vida e da Esperança".

A DIREÇÃO

Florianópolis, ITESC, 30 de dezembro de 1998